

Sustentar o céu e fazer o eu advir: reflexões sobre “A queda do céu” e o advento do eu no fim de análise

Mariana Mayerhoffer

Psicanalista. Musicoterapeuta. Membro do Laço Analítico/Escola de Psicanálise. Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pelo Instituto de Psicologia da UERJ. Professora Adjunta do IPUB-UFRJ.



Os espíritos xapiri¹, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós (...). Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

Davi Kopenawa

O eu, que faz e que pode ele da direção de sua constituição? Como vive o humano, sem d’Isso ver/saber, sendo seu “matador” como canta a *Canção do Lobisomem* de Guinga e Aldir Blanc: *nem a cobra coral nem mesmo a naja, dão o bote da prata que viaja, numa bala entre a arma e o meu peito, acho graça em desgraça dito e feito... sou meu matador...*

Em *Variantes do tratamento-padrão* Lacan (1998a, p. 337-343) diz que “nada sabemos do sujeito senão o que seu Eu nos dá a conhecer” e que “o Eu se forma a partir dos mesmos momentos que um sintoma” para perguntar à frente onde “fica o fim da análise no que concerne ao eu?”. Retomando o percurso freudiano na definição do Eu, Lacan (ibidem, p.346-347) localiza o Eu ideal como determinante de uma certa relação prototípica do eu com a imagem do outro, para esclarecer que no que tange à agressividade não se trata “da agressão que se imagina na raiz da luta vital”, mas que “a noção de agressividade corresponde, ao contrário, à dilaceração do sujeito em relação a si mesmo”. Lacan segue falando que de tal dilaceração o sujeito conheceu o momento primordial na antecipação do sentimento de sua desarmonia motora advinda da imagem do outro que ele captura na totalidade de sua *gestalt*. A imagem com a qual o sujeito se estrutura retroativamente é a do “despedaçamento” que a imagem do outro prenuncia, na relação com a qual *a posteriori* o júbilo vem a compor a gangorra fantasmática sobre o real. O eu, diz Lacan aí, diferentemente de sua pretensa função sintética, “mostra, antes, a condição que o insere na dialética alienante” do senhor e do escravo, elucidando como

¹ *Xapiri* são “imagens ‘espirituais’ do mundo que são a razão suficiente e a causa eficiente daquilo que chamamos Natureza” (Viveiros de Castro, 2015, p. 13).



o eu, em sua condição mais miseravelmente neurótica, não faz senão servir, no só-depois do ideal do eu em sua subordinação ao supereu, a esse ideal de despedaçamento.

Falar que a psicanálise é, *em seu padrão*, variável na singularidade é nos remeter a cada encontro analítico, tanto no sentido de cada sessão quanto no da direção de cada análise rumo a seu fim. A fala do analisante tem sua dimensão constitucional de ignorância, dimensão diferente do não-saber que o analista coloca em operação de seu lugar. Essa diferença se apresenta temporal e espacialmente, uma vez que o que garante o lugar ao analista é ter atravessado o não *querer* saber, para colocar em suspenso o que veio a saber em seu eu, instância pela qual fala o isso e o supereu. Tal processo inclui um fazer como tarefa que o analista em sua análise teceu, produzindo uma invenção sobre o que soube, chegando a uma nova posição em relação ao seu gozo, da qual pode advir o dispositivo de *passagem*, o passe, testemunho do *invento* que é o *sinthoma*² como produto do real do atravessamento do Isso pelo Eu no fim de análise.

Fazer passar uma transmissão, o que o passe *passa* é então essa passagem de um eu subjugado à divisão a um eu que pode *ser-se*, como Lacan (1998b, p. 418-419) torna legível o aforismo freudiano *wo Es war soll Ich werden* (FREUD, 2010, p.223), quando diz que o verbo *soll* designa um dever, na primeira pessoa *devo*, se tratando então de um dever moral do eu, pois *devo Eu*, o quê, no lugar onde Isso era³? *Werden*, que não é sobrevir ou advir, como se traduziria, “mas vir à luz, desse lugar mesmo como lugar de ser”: parto de si mesmo que a operação real da análise oferta a um eu que pode testemunhar no passe sua passagem ao *ser-se*.

Um mundo não hierarquizado – testemunho de uma outra cosmologia

Trago o testemunho de um encontro-susto que tive com um outro saber, a experiência mítica da criação do mundo dos povos yanomami, narrada pelo xamã Davi

² Amarração suposta ex-sistir pelo laço do imaginário, do simbólico e do real, segundo a topologia lacaniana do *Seminário 23* (LACAN, 2007).

³ Ou “lá onde o significante agia”, como dirá Lacan (1967-1968, p.99).

Kopenawa em *A queda do céu* (Kopenawa e Albert, 2015). Havia apenas o caos, antes do cosmos. Tudo era indiferenciado, tudo o que existia era humano, porque não havia o que fosse humano. Kopenawa (p. 195) nos ensina que o céu caiu uma vez no tempo das origens, e que “as costas desse céu que caiu no primeiro tempo tornaram-se a floresta que vivemos, o chão no qual pisamos”. *Hutukara* é o nome xamânico desse “antigo céu” (p.81), depois do qual um “outro céu desceu e se fixou acima da terra, substituindo o que tinha desabado” (p.195): projeto de Omama, o demiurgo yanomami, que para fortalecer e sustentar o céu fincou nas florestas estacas em imensas peças de metal, como raízes, criando *urihi a pree*, o “mundo inteiro” (p.482), como chamamos nós brancos – que aliás somos nomeados por Kopenawa “povos da mercadoria”. O que para nós é natureza, para os yanomami é tanto mundo *hutukara*, que além de antigo céu também nomeia a terra floresta (p.81) fecunda e mais sólida que foi criada por Omama como “um ser que tem coração e respira” (p.468), quanto mundo *urihi a*, “suprassolo celeste”, terra como céu que “sustenta as numerosas moradas transparentes dos espíritos” (Viveiros de Castro, 2015, p.16)⁴. Tais espíritos ancestrais, os *xapiri*, protegem as florestas pela evocação de seu pai, o xamã, esse *diplomata*⁵ entre os mundos. Com isso, tudo o que era pré-humano foi em parte se transformando em outros seres, pacas, pedras, rios ou árvores. A terra que sustenta as estacas em raízes nos assegura um céu e é feita de muitos sedimentos, “recursos escassos” (Viveiros de Castro, 2015, p.16) que ali ficaram soterrados por Omama e que dali arrancados, nas atividades predatórias brancas como por exemplo a mineração, nos

⁴ Na tradução da cosmologia yanomami, há sempre que se fazer uma escolha “de quem se vai trair”, como diz Viveiros de Castro (2020, p.15) à respeito do que colocamos em nossos termos, ocidentais e brancos, quanto ao que de heteróclito implica essa tradução. No entanto, é “isso deve ser feito de um modo capaz (...) de forçar nossa imaginação, e seus termos, a emitir significações completamente outras e inauditas”. Dito isto, importante ressaltar que as ideias de *hutukara* e *urihi a* são de sentidos intercambiáveis, por vezes é possível ouvir Kopenawa (Gomes e Kopenawa, 2016) falando de *hutukara* como se remete à *urihi a*, como por exemplo no texto *O cosmo segundo os yanomami: Hutukara e Urihi*. Em *A Queda do Céu* (Kopenawa e Albert, 2015, p. 475) aparece *Urihi a* como natureza, ao mesmo tempo terra-floresta e *urihinari*, espíritos da floresta. O próprio Viveiros de Castro (2021) se refere – no recente discurso por ocasião do ingresso de Kopenawa à Academia Brasileira de Ciência – à *urihi a* como a palavra yanomami para natureza, “mundo que resta, última floresta”, fazendo alusão ao filme *A última floresta* (Netflix, 2021).

⁵ “(...) os xamãs amazônicos desempenham o papel de diplomatas, operando em uma arena cosmopolítica onde se defrontam os diferentes interesses dos existentes”. Viveiros de Castro, 2018, p.171.



trazem a desestabilização de terra e céu e nos mergulham na atual premência de perda do nosso mundo, o que os yanomami chamam de *queda do céu*.

De sermos, originalmente todos os seres, humanos, advém uma cosmologia completamente diferente da nossa. No mito ameríndio, originamo-nos radicalmente de uma não divisão entre humanos e não humanos, e não só no início éramos tudo humanos como constituímos-nos em perspectiva com todos os seres, um rio é um sujeito rio, que nos vê tanto como o vemos, o que chamamos de perspectivismo⁶ na apreensão ocidental de culturas que como a dos yanomami não colocam os humanos em superioridade de sujeitos. Trata-se de uma indivisão hierárquica entre os seres, onde estes são diferentes ao nível de sujeito, essa é a hierarquia, a da diferença, não de estatuto, e mesmo a agressividade no índio trata quaisquer outros seres como sempre podendo ser sujeitos.

Da divisão dos brancos, estonteia-nos Kopenawa, nasce a predação humana que nos colocará a todos irrevogavelmente sob a queda do céu. Uma *antropia* como relata Porto (2021) lendo Valentim (2018), entropia humana⁷, lancinante rumo ao fim do mundo. Vivemos, brancos e ameríndios, em direções opostas de sobrevivência: na verdade, em pleno Antropoceno⁸, nós caminhamos na direção da aniquilação de nossas próprias condições de existência, enquanto os povos ameríndios estão a gritar-nos que cada ser da natureza é um organismo vivo, sujeito da vida, e que ao despedaçá-la não fazemos mais que destruímo-nos a nós mesmos. Com essa apreensão de mundo nos colocamos aos humanos como superiores, seres egoístas, *insufladamente* egóicos. O que faz desse eu, criado pela extração do objeto *a* no encontro do ser com o significante mortificador quando este um dia nos ofertou a condição de possibilidade de existir, esse

⁶ Eduardo Viveiros de Castro (2018, p.69-72) descreve como uma “contra-antropologia” o “multinaturalismo perspectivista” ameríndio, enquanto Bruce Albert (2015, p.542) o nomeia “contra-antropologia histórica do mundo branco”.

⁷ “No Antropoceno (ver nota 5), a humanidade se torna um agente entrópico, um produtor de caos e instabilidade, confundindo entropia e antropia.” Valentim, 2018, apud Porto, 2021.

⁸ “Época geológica atual que, na opinião crescentemente consensual dos especialistas, sucedeu ao Holoceno, e na qual os efeitos da atividade humana – entenda-se, a economia industrial baseada na energia fóssil e no consumo exponencialmente crescente de espaço, tempo e matérias-primas, adquiriram a dimensão de uma força dominante no planeta, a par dos vulcanismos e dos movimentos tectônicos. Viveiros de Castro, 2015, p.24.

zumbi neurótico que vaga um curto espaço de existência na terra dedicado a auto infligir-se sofrimento? Esse eu que mata sua casa, seja corpo, seja terra?

A agudeza do novo encontro com essa constatação tem um efeito no real do meu corpo, como estupefação e *a posteriori* angústia. “Saber” da importância da ecologia⁹, como chamamos, não era como agora *saber-ver* com Kopenawa que a própria noção de ecologia é uma invenção sintomática para o fato de vivermos *suicidando* nossas condições de subsistir como mundo. O que aprender com os povos originários, em duas dimensões, a do que temos a rever como capitalistas autopredatórios e que tem a psicanálise a compreender como práxis ocidentalizada, fruto de seu tempo e da subjetividade de sua época?

Observo ser impossível que uma leitura psicanalítica seja correlativizada à cosmovisão ameríndia que Kopenawa nos apresenta com a iminência da *queda do céu*, mas quero aproximar a miséria neurótica do eu sucumbido ao sintoma, estateladamente dividido quanto ao Isso, da mesma miséria que a humanidade pratica *de patins*, como diz Lacan (1997) sobre como deslizamos ligeiro rumo à *autoconsumição*. Trata-se aqui de uma direção à divisão sintomática, não a da parcialização que a divisão constitutiva nos oferece na parcela de gozo que a falicização necessária a uma existência não psicótica nos dá, mas à da totalização dessa *consumição* da divisão, radicalização de rumar à divisão sem decidir pela vida e pelo gozar da vida. Nessa direção, apenas eu sendo gozado, humanidade sendo gozada, suponho aqui ter a direção do eu miseravelmente dividido a mesma da humanidade dividida em si e não humanos objetificados para serem consumidos¹⁰. Divisão que escancara a subjugação, sendo o eu tão escravo de seu não saber nada d’Isso quanto o humano desse correlato não querer saber em relação à

⁹ Para os yanomami, as palavras da ecologia são as antigas palavras que Omama deu a seus ancestrais, são os humanos, mas tanto quanto eles “os *xapiri*, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol!” (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p.480).

¹⁰ Segundo Porto (2021) lendo *Extramundandidade e Sobrenatureza*, de Valentim (2018, p. 282), o autor “observa no seu discurso uma cumplicidade entre a posição transcendental de um sujeito que objetiva tudo à sua volta e o desejo capitalista por mercadorias, como se esta apreensão (...) que converte o mundo em objeto fosse fundamentalmente condicionada pelo desejo de propriedade”.



natureza, e isso exatamente pela noção de natureza enquanto objetificável. Essa objetificação, onde se apresenta o eu, tanto quanto o humano, objeto da direção à divisão radical até sua própria atomização, é distinta da relação sujeito /objeto presente na análise, principalmente no fim de análise, no qual é sendo objeto de sua causa que o sujeito se *sujeita* ao seu desejo.

O objeto a e a queda do céu yanomami – testemunho de uma análise

Digamos então que a interveniência do objeto *a* como causa gira nossos discursos na direção de uma posição de não divisão do eu, operação que no horizonte do fim de análise transmite uma invenção sobre um eu que *é-se*. Sendo-se com a perda de ser que o *ser-se* implica. Perda é diferente de divisão. O que o passe pode passar é então essa invenção de um eu não mais dividido quanto à sua parcela de ser. Mas ser, como diz Lacan (1967-1968, p.86) retomando no *Seminário 15* o “lá onde Isso era...”, ser surgido “sem essência, como são sem essência todos os objetos *a*”, ser que “no final da experiência analítica é um sujeito que não está no ato”¹¹.

Não poderíamos aprender alguma coisa com os yanomami, sem que tomemos como ideal abríamos mão de nossa aculturação, mas inflexionando nossa direção de mais e mais ganho de gozo, de caminharmos rumo à morte se deixarmos de privilegiarmo-nos a tão poucos com lucros que seriam suficientes para fazer não morrer tantos? Quer dizer, a direção à *queda do céu*, que se acelera no funcionamento predatório da humanidade, podemos ler como a mesma do vetor do eu em seu ideal de despedaçamento?

Da minha análise trago um fragmento, quando disse meu analista: “bom, a vida tá um mar de rosas né”. Essa fala foi sucedida de um período de desagregação do eu, onde um *non sense* se agudizou em angústia, e foi ressignificada com a simultaneidade de outro

¹¹ Lacan (1967-1968, p.83) diz que no fim de análise há uma inversão do início, “do sujeito instalado em seu ‘falso-ser’”, inversão que vem a lhe fazer realizar “algo de um pensamento que comporta o ‘eu não sou’ que se encontra ao nível do objeto *a*. Nível onde se encontra a falta que subsiste e “se define como essência do homem e que se chama desejo, mas que, no fim de uma análise, se traduz por essa coisa (...) encarnada, que se chama a castração”.

encontro-susto, além do que estava tendo com a leitura do alerta de Kopenawa, o outro encontro tendo sido com uma decisão de vida que era nova justamente pela constatação de supostamente não ter gerado angústia. Depois que ouvi como enigma o *mar de rosas*, voltou-me à lembrança um antigo sonho traumático repetido: numa praia da infância, ondas que poderiam a qualquer momento engolir-me, enquanto uma cena se passava na areia parecia a de um filme dos Trapalhões, faltando um deles. Essa cena foi se resignificando, partindo do primeiro sentido que lhe dei: tomar a minha vida como um filme, do qual sou espectadora e objeto. As coisas que me acontecem, *em ondas*, não eram passíveis de uma responsabilização radical até que o *filme* foi escutado numa das inúmeras repetições como *fell-me*, sentir-me, e outros sentidos foram sendo inventados, passando pelo de falta, origem *atrapalhada*, até a presentificação do elemento faltante como transmutado em traço do compartilhamento necessário e jubilatório de uma vivência, e é desse ponto que dou mais uma volta de significação no atual momento de escolhas de vida, a partir da *queda do céu no mar de rosas*.

O Outro e hutukara /urihi a – testemunho de um horizonte de fim de análise

Dei-me conta que tal era a forma de tratamento que tinha me fornecido as condições de existência: sintomaticamente, o lugar que *eu* dei ao outro/Outro é o mesmo que dava à natureza, de um outro que me tirou do desamparo, me deu vida, é demasiado grande e por isso mesmo objeto que só podia ser venerado ou atacado, no circuito fantasmático. O Outro/outro que foi elaborado como a ser contemplado, na percepção que nós brancos damos à natureza, de um ser estático, passivo de ser cuidado ou usufruído/destruído, como um *eu filme*, passou a “natureza” que eu *fellme*, *sinto-me*. Se num plano, o do inconsciente, o fantasma pode parar de pender para um lado ou outro graças à análise, por outro, no plano do corpo real do gozo do sinthoma, do real do gozo que assola mas também vem a possibilitar gozar da vida, ele é corpo natureza de um *sujeito-morada*, e é assim que posso *fellme*.

Passar esse *Outro* que o Isso configura neuroticamente, *dividido*, *inimigo* do eu a seu parceiro me lembra a *urihi a pree* dos yanomami, cosmopercepção de um mundo dividido sim, diferenciado em apresentações de sujeitos seres diversos, mas todos sujeitos, numa parceirização sem pretensão harmônica, convivência conflituosa e por isso mesmo respeitosa do lugar de sujeito de cada um. Nosso corpo é pulsão, é inquietação, e da mesma maneira não podemos senão dele sofrer e gozar, no sentido de usufruir também, real que ele é. A não divisão em humanos e não humanos conecta-me com a consideração de um outro saber que causa mais minha relação com a minha análise nesse momento do que qualquer cosmologia ocidental. Essa travessia é um ganho (ou uma perda), que me faz poder ler assim metaforicamente a partir de *urihi a pree* uma parceirização com um Outro não mais mortífero ou matável, mas assumido como não predatoriamente dividido quanto ao eu. O Isso, que é o próprio sujeito do inconsciente dividido, “ali onde se era”, no fim da análise¹² é “meu dever que eu venha a ser” (Lacan, 1996b, p.419), constituindo um eu que *é-se* e qual, se não esse eu, *analisado* e *sujeito à sua causa*, pode vir a sustentar o céu?

¹² O pessoal é político, diz o lema do feminismo da segunda onda, e se hoje milito a partir disso, me coloco a questão do que tem a psicanálise a aprender também com essa passagem do pessoal ao político, interseccionalizando essa questão com a dos seres como podendo virem a ser todos sujeitos. Primeiro, o passe me deixa uma pista quando a exposição de um testemunho atravessa o afeto da vergonha e dá lugar ao desejo de compartilhamento e transmissão. Quanto ao nosso machismo estrutural, se tomamos a enunciação contida na letra de Aldir Blanc, quando afirma que o *homem* é seu matador, podemos também refletir se tomar a direção, não somente na análise mas também na “humanidade”, de femininizar-mo-nos, possibilita inventar um *vir à luz*, como fala Lacan do Isso quanto ao Eu, atravessados pelas brechas do objeto *a*, isto é, pelo travessia do compartilhamento que o comum é, que nos tira do desamparo para sobreviver quando *infans* e nos tira da miséria neurótica da autodestruição durante a curta vida do eu e no que resta à humanidade. No fim de análise, o ideal de despedaçamento que o eu toma para si constitutivamente pela agressividade *vem à luz*, no sentido que diz Lacan do *ser-se* em que o eu vem à luz no lugar do Isso. É no transcurso da assunção do eu onde Isso era que uma amarração sinthomática forja-se ponte sobre os destroços, traços das identificações. Esse atravessamento do Ideal do eu, do pai, dos significantes que nos determinam assim pulverizados restos pela causação do semblante de objeto *a* efeito do discurso do analista, esse atravessamento na direção de uma não divisão quanto à causa é o que nos possibilita não mais *acelerar*, lembrando os patins do Lacan, na direção da morte. O vetor do objeto *a* contém como causa a pulsão, portanto a pulsão de morte originária, o que é diferente de tomar como direção o despedaçamento, ele resta na origem e não mais nas atuações e passagens ao ato do sujeito. Então é na direção desse vetor que a análise *caminha, tropeça, cai e levanta*, como, arrisco, podem nos ensinar os ameríndios quando sustentam seu céu. Com a análise, podemos também sustentar o nosso (c)eu, um eu que é seu também, que com toda a singularidade pode compartilhar a existência com outros/Outros (c)eus.

Para concluir, peço licença aos *xapiri* para fazer a interrogação se aprenderia a psicanálise com o alerta de Kopenawa quanto à iminência da queda do céu se nossa escuta puder ser lida como direção a não divisão predatória em cultura e natureza, onde a primeira assola esta última, isto é, se lemos a direção da análise também como a transposição radical da divisão para seu lugar, o de constituição e origem e não mais de inexorabilidade da angústia a dividir o eu. Assim como o sujeito realizado em sua castração remete ao Outro, se descarrega, do objeto perdido da origem do estatuto do inconsciente, no fim de análise, para realizar a perda como separada desse objeto, como diz Lacan (1967-1968, p.93) no *Seminário 15*. Seria fazer *passar uma passagem*, da divisão à diferença, do objeto perdido à perda de ser. Vida inteira e não mais em parte como ecologia na sustentação de um eu-decidiado e de um (c)eu que não desabe? Canta também a Canção do Lobisomem: *Eu sou inquieto assim pra dar um corte, no elo entre a satisfação e a morte...*

Referências bibliográficas

ALBERT, B. *Poscriptum Quando um é um outro (e vice-versa)* In _____. ALBERT, B. e KOPENAWA, D. *A queda do céu*. Op. cit. 2015.

FREUD, S. *A dissecação da personalidade psíquica in* _____. O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos 1930-1936. Obras Completas Vol.18. Companhia das Letras. 2010.

GOMES, A.P. e KOPENAWA, D. *O cosmo segundo os yanomami: Hutukara e Urihi*. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2743>. Acessado em 08.12.21. 2021.

GUINGA e BLANC, A. *Canção do lobisomem*. In <https://open.spotify.com/track/2nXJwvKyDhrJw38FIRMy7O>.

KOPENAWA, D. e ALBERT, B. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LACAN, J. *Variantes do tratamento- padrão* [1955]. In: _____. *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a.



_____. *A coisa freudiana ou Sentido o retorno a Freud em psicanálise* [1955]. In:

_____. *Escritos*. Op. cit. 1998b.

_____. *O ato psicanalítico: Seminário 1967-1968*. Escola de Estudos Psicanalíticos. Publicação para circulação interna e uso dos membros. 1967-1968.

_____. Seminário 1971-1972. *O saber do psicanalista*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos de Recife. Recife, 1997.

_____. *O Seminário livro 23: O Sinthoma* ([1975-1976] 2005). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

NETFLIX. *A última floresta*. Disponível em <https://www.netflix.com/watch/81503933?trackId=13752289&tctx=0%2C1%2C4fcb2bd357a84b9fc686fa5c81bed0a6795b1d8c%3Ac37e986621d3537d3e178204ab5af84e24b39919%2C4fcb2bd357a84b9fc686fa5c81bed0a6795b1d8c%3Ac37e986621d3537d3e178204ab5af84e24b39919%2Cunknown%2C%2C>. acessado em 08.12.21. 2021.

PORTO, R. *Political ecology under the falling the Sky*. No prelo. 2021.

VALENTIM, M. A. *ExtraMundandade e Sobrenatureza: ensaios de ontologia fundamental*. Cultura e Barbárie. 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *O recado da mata*. In KOPENAWA, D. e ALBERT, B. *A queda do céu*. Op. cit. 2015.

_____. *Metafísicas Canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

_____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. *Abertura da Reunião Magna de 2021: debate sobre o filme A última floresta*. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ljVhCCL18t4&ab_channel=AcademiaBrasileiradeCi%C3%Aancias. Acessado em 08.12.21. Academia Brasileira de Ciências, 2021.